

## ***Pedaços da Noite***

**O** RIO GRANDE DO SUL, de Caldre Fião a Cyro Martins e Dyonélio Machado, de Aureliano de Figueiredo Pinto a Moacyr Seliar, José Eduardo Degrazia e Roberto Bittencourt Martins, é fértil em médicos-ficcionistas. Mas também na poesia há uma presença constante de médicos, como é o caso do próprio Aureliano Figueiredo Pinto e José E. Degrazia e, mais recentemente, de Celso Gutfreind. A lista poderia ser aumentada com facilidade, pois a medicina tem uma afinidade irrestrita com a literatura. Na esteira dessa união aparece, agora, Sízínio Hébert.

Conhecido na área da Medicina, além de seu trabalho clínico, pela publicação de *Ortopedia pediátrica* (1992) e *Ortopedia e Traumatologia* (1995), ensaios científicos que o projetaram nacionalmente, Sízínio Hébert vem, há muitos anos freqüentando cursos de ficção e poesia, publicando seus trabalhos em várias antologias.

*Pedaços da noite* traz implícita a idéia da luta com a palavra, para lembrar o conhecido poema de Drummond. Sízínio Hébert sabe que se não lutasse contra a natureza da palavra, obrigando-a a ir além de si mesma e de seus significados imediatos, se seu poema não tentasse dizer o indizível, ficaria na simples manipulação verbal. Todo bom poema, feito de palavras, vai além delas, inclusive da sua expressão social e histórica.

Sízínio Hébert nos transmite a sensação de que o poema está em luta consigo mesmo, que sua unidade se constrói na fusão de contrários.

*Pedaços da noite*, seu livro de estréia, nos leva à idéia de que o poeta, ao falar das coisas que são suas e de seu mundo, expressa também nossas inquietudes e emoções. Suas experiências mais pessoais ou secretas se transformam em palavras que trazem o selo da história e da sociedade na qual está inserido. Nessa travessia o poeta revela o homem, sendo essa revelação o significado último de todo poema.

Sízínio Hébert nos passa a forte impressão de que busca na criação seu modo mais fecundo de se integrar na complexa realidade de hoje, no jogo da construção/desconstrução do mundo.

*Sizínio Hébert*

***Editora Movimento***

## ***O poema feito fogos de artifício***

Sizínio Hérbet estréia na literatura como poeta. Em *Pedaços da Noite*, ele reúne poemas diversos, ordenados em grupos temáticos. Não obstante, a unidade da obra advém da consciência de que o poema não se presta a mediar a experiência, mas ele próprio a constitui, renovando-a a cada leitura. Sua concepção de poema, feito para explodir num instante, deixando atrás de si um rastro indelével de brilho, encontra-se na síntese poética do verso *feito fogos de artifício*. A poesia de Sizínio Hérbet, neste sentido, corresponde ao que disse Octavio Paz com respeito à lírica moderna: que não se presta a mediar significados, mas constitui, ela mesma, o seu próprio significado.

Não se pretenda, pois, encontrar, em *Pedaços da Noite*, a representação das experiências imediatas do autor. Médico de profissão, Sizínio capta os fragmentos do tempo para falar de coisas universais e simples, como a vivência plena do amor, a entrega, a esperança de viver melhor. E concebe a poesia como um jogo de significados, muitas vezes lúdicos, que o leitor vai construindo à medida que avança na literatura dos poemas. conforme o próprio título do livro está a indicar, o poeta trabalha um sentir em fragmentos, que se adensa neste final de milênio. Na urgência de uma conciliação utópica, seus versos reconstituem o intimismo lírico, ainda que transformado pela dissonância que caracteriza a poesia contemporânea.

Assim avaliando a si mesmo com um olhar ora crítico, ora condescendente, o autor registra, na forma dos poemas, a tentativa de recompor uma unidade fragmentada. A busca da imagem no espelho, o distanciamento do tempo, representados pela visão do mosaico, são o testemunho de uma busca de revitalização do *valor de ser humano*. Para fazê-lo, o poeta serve-se da palavra, explorando composições de sentido e adequando-as para expressar a emoção cotidiana de estar vivo. Também há, nesses textos, o humor, próximo à ironia, expresso em pequenos jogos verbais que são, muitas vezes, a constatação poética do nada. A ironia, nesse sentido, está presente na visão do mundo, com se lê no gracioso poema:

*Sizínio Hébert*

quem vai na chuva  
se molha  
entre um pingo e outro  
nada

Os poemas de *Pedaços da Noite* formam, portanto, uma tela, na qual o lirismo moderno se expõe, contente de ser, como os corpos em fogueira (...) quente doce forte denso.

*Porto Alegre, junho de 1999.*  
*Léa MASINA*

***A noite caiu  
fraturou os meus sonhos  
fiquei em pedaços***

feito mamão que se compra na feira  
verde quando se toma nas mãos  
feito teus olhos verdes  
que me olham descrentes

quero que leias  
com olhar de paciência

e quando estes versos ficarem maduros  
te alimenta ao sumo  
fecha bem os olhos

quero te enfeitiçar

fazer barulho  
derrubar o muro  
baixar a poeira  
livrar-me do entulho

ouvir o silêncio  
sentir novo ar  
respirar liberdade

*Sizínio Hébert*

abraçar o vazio

catar os pedaços  
fazer um caminho

estou só  
eu e minha sombra  
não acendam a luz  
até ela me abandonará

o valor do ser humano  
é o valor de ser humano  
não quero ser outro  
quero ser eu melhor

o horizonte é a linha  
entre o tinto do vinho  
e a lucidez do cale-se

no fundo  
havia um espelho  
eu me olhava  
não enxergava ele me via  
nada dizia

um dia quebrou  
uni os pedaços  
virtudes defeitos  
mosaico vitreux  
refiz minha imagem  
e sou como sou

refazer  
de um copo de vinho  
um cacho de uva  
aqui nesta noite  
de frio e de chuva

refazer

de um homem vivido  
um menino ainda puro  
e viver desta vez  
sem medo do escuro

passou por mim...  
nem me viu  
como se eu fosse  
primeiro de abril

olhei pra ela...  
quase caio  
era primeiro de maio

quem sai na chuva  
se molha  
entre um pingo e outro

nada

quero viver à baiana  
na rede igual a Caymmi  
ouvindo o canto da Nana  
Gonzaga tocar sanfona  
e Jorge Amado na cama

quero viver à francesa  
com vinho queijo e baguete  
ouvindo o canto da Piaf  
Bécaud ao som da sanfona  
Rimbaud deitado na grama

quero viver à portenha  
comendo assado à parrilha  
ouvindo tangar Gardel  
Piazzola no bandoneon  
e Borges com pés no chão

quero viver à gaúcha

*Sizínio Hébert*

a cavalo igual tropeiro  
ouvindo o canto de Elis  
Borghetti na acordeona  
e lendo Mario Quintana

quero-te inteira  
em pedaços guardada  
em meu baú dos encantos

e quando sem e só desamado  
passar a língua em tuas peças  
colar pernas braços seios  
lábios boca mãos

reconstruir-te num abraço  
penetrar cavernoso em tua nave  
lento em ondas pouco a pouco  
fluir-me semente  
sentir-te sugar-me a mente  
desconstruir-me  
em ti  
reconstruir

gosto dos dias azuis  
anuviados de cinza  
soprados de vento  
dourados de luz

gosto das noites de rua  
vestidas de negro  
pintadas de estrelas  
prateadas de lua

gosto das madrugadas de sono  
pingadas de chuva  
aquecidas de cama dormidas de sonho

gosto das manhãs de preguiça  
trançada de pernas



beijadas de vida  
que prazeres aviva

àqueles que guena constroem  
    que tudo destroem  
    que gostam de estrelas  
eu dou as constelações  
    fiquem com elas  
    medalhas de nossas mortes

a nós deixem apenas uma  
a estrela da manhã  
com ela reconstruiremos a vida

lenços capas chapéus  
cavaleiros picadores banderilheiros  
lindas mulheres  
homens toureiros  
negro touro  
tarde dourada  
na arena de Pamplona  
sangue sangre sangrando  
touro homem guerreiro  
homem touro vermelho  
San Fermin o padroeiro

touro capote muleta  
dor agonia peleia  
espada estoque na arena  
morre o touro  
acaba a faena

pitos aplausos silêncio  
flamejos abanos bravejos  
duas orelhas rabo talvez  
além da morte  
o esquitejo à rés

as folhas secas

*Sizínio Hébert*

o denunciavam  
além dos pássaros  
o som dos passos  
um passo em falso  
o cadafalso  
ao longe o som  
de uma matilha  
cães selvagens  
homem  
mata vida  
uma armadilha

Pai nosso que estais no céu  
de nada adianta estar tão longe  
Santificado seja o vosso nome  
nosso nome não tem crédito  
Venha a nós o vosso reino  
pelo menos um pedaço  
Seja feita a vossa vontade  
nossa vontade ninguém faz  
Assim na terra como no céu  
distribui a nossa terra  
O pão nosso de cada dia nos daí hoje  
melhor plantar para comer  
Perdoai as nossas dívidas  
para comprarmos semente  
Assim como nós perdoamos  
aqueles que mentem  
A quem nos tem ofendido  
nos deixando na miséria  
E não nos deixais cair em tentação  
de invadir a terra  
Mas livrai-nos do mal  
de morrer por ela

quanta gente coleciona  
pratos ganafas carros  
copos latas cigarros  
moedas bonecas canetas

selos discos borboletas

ah! se colecionassem letras...

*Sizínio Hébert*

fosse esse mundo só meu  
faria tantas mudanças...  
transformaria em paraíso  
cheio de flores bichos crianças

um dia o homem será  
tão grande quanto puder  
e depois esquecerá  
do dia que apenas foi

uma célula  
no corpo de uma mulher

quando eu um dia for velho  
e souber tudo que quero  
morrerei de saudade  
de tudo que hoje espero

voarei até ao céu  
passando antes no inferno  
pois é lá que acontecem  
as coisas que hoje quero

cemitérios anjos lápides  
flores mortas árvores tortas  
choram velhas velhos mortos  
apagam velas ventos fortes  
fecham portões  
o dia morre

não adianta sonhar  
com o futuro  
tudo o que existe  
está aquém do horizonte  
o futuro se dá  
em presentes

morre branco morre preto  
muçulmano católico judeu

morre rico morre pobre  
morremos todos até eu

vão-se todos vai-se tudo  
poder arrogância desprezo  
vão-se músculos bundas bocas  
vão -se plásticas barrigas rugas  
vão-se as vidas em vão  
desejos deles e nossos  
sobram somente os ossos  
                  nisso somos iguais  
nem os vermes comerão

no meio da lixeira  
havia um menino  
havia um menino  
no meio da lixeira

nos campos de lixo  
montanhas de restos  
restos de gente  
lixo da gente

no meio da lixeira  
havia um menino

junto com ele um monte  
de gente porcos urubus

o menino?  
                                  morreu

saudade de *nós*  
                                  *só nós*  
                                  cegos

desperto sã e com frio

no sonho quente

Sizínio Hébert

eras minha  
e nua  
meus passos acordam  
a rua

deserta de ti

no interior da capela  
a luz pelo vitral pintava  
teu corpo sob um arco gótico

quando dei por mim pecava  
eras um quando erótico

quero explorar tua mina  
viajar em tuas galerias  
desbravar teu corpo  
depravar tuas entranhas  
entranhar tuas células  
endoidar tua cabeça  
ser tua cocaína

depois desse beijo  
quero bis  
fiquei por um triz

quero teus quadris

*em letras explode o poema  
feito fogos de artifício*

sem pés nem cabelos  
cabeça ou joelhos  
parecem fantasmas  
etês freiras escravas

silêncio nos gestos  
seus corpos desejos  
seus passos flutuam

as bocas murmuram  
lamentos revoltas  
envoltas no burka  
a jaula afegã

somente uma fenda  
por onde uma luz  
de olhos bem negros  
da fera em silêncio

pedindo desvenda  
me tira esta renda  
de ferro de dor

quero violar teu corpo  
como um concierto de Aranjuez  
                violino viola violão  
tocar-te com mãos de artesão

aos cinquenta leio verso  
sou humano despojado  
sou egrégio sou egresso

generoso com o verso  
leio verso e reverso  
versejo sem sucesso

tento viver ensaio  
assim como folha caio  
de tanto cair levanto  
sou suor pranto e planto

inspiro mais que transpiro  
tudo o mais foi instinto  
tudo o mais foi extinto  
respiro mais que suspiro

quando me vejo  
numa antiga foto

*Sizínio Hébert*

sinto ser outro  
não sou eu agora

quando me vejo  
no espelho às claras  
tenho saudades  
não me arrependo

sufocado entre paredes  
a vida entre parênteses  
parado em teses  
amedrontado em grades  
aprisionado escarvo  
diante do muro mudo  
corto cordão com dentes  
cuspo placenta  
corro ao acaso

rasgo minhas mãos  
abro castanhas  
tambores chocalhos cachimbo  
de urucum pinto o meu rosto  
vermelho enfrento a selva

me perco da tribo  
fogueira de noites só

quero apostar na vida  
roleta sem freio  
até que alguém me diga:  
não dá mais

quero das cinzas  
virar fumaça  
como se nada sobrasse  
e que não sobrem  
nem as fichas



nossos corpos em fogueiras  
numa festa de São João  
quente doce forte denso  
como copo de quentão

coração como pipoca  
saltitando de emoção  
nossos pés ainda moleques  
rodopiando no salão

nosso primeiro beijo  
primeiro toque de mão  
nosso amor em altos brados  
claro na escuridão

no chão do terraço  
acalmando a chuva  
o sol descansava

meu rosto no teu colo  
teu corpo em meu abraço

escorriam na vidraça

escrevo no computador  
                  que tem memórias  
mas não tem lembrança

faça um teste  
feche o livro  
esfregue as mãos  
uma na outra

agora olhe pra elas  
notou algum efeito?

é disso que somos feitos

*Sizínio Hébert*

enquanto estiver  
com os olhos fechados  
ou com eles abertos  
    não abro a janela  
    quero sonhar mais um pouco

devo considerar o futuro que me aguarda  
supondo que a morte um dia afrouxe o laço  
tentarei sustentar-me na bengala débil  
bastão sofrido onde crisparei meus dedos  
e se não tiver forças e cair de joelhos  
quero contar contigo e segurar teu braço

mas enquanto posso e o porvir não chega  
quero te amar qual sempre e te pedir um abraço  
e quando minha parte transcorrer no tempo  
não quero o lamento dos amigos  
nem o olhar abutre dos contrários

quero que em cinzas me transforme logo  
pra que meus segredos fiquem longe deles